

# Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 155-164, julho-dezembro 2016

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2016.2.29242>

COMUNHÃO

## Reflexões sobre o corpo “intimamente estranho” a partir do *Diário de um corpo*, de Daniel Pennac

*Reflections on the body “intimately strange”, from the Diary of a body,  
by Daniel Pennac*

Gabriel Perissé\*

### RESUMO

Do ponto de vista da antropologia teológica, o corpo humano não é uma parte, mais ou menos descartável, do ser humano. Somos corpo. Esta realidade se expressa de modo literário no *Diário de um corpo*, do escritor francês Daniel Pennac. Por ser uma obra literária em nada devedora de uma visão cristã (ao contrário), pode contribuir para uma abordagem o mais possível “isenta” de conclusões prévias. Nesta reflexão, importa captar como, e por que, a experiência corporal é imprescindível para a nossa autocompreensão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia teológica. Corpo humano. Literatura. Daniel Pennac.

### ABSTRACT

From the perspective of theological anthropology, the human body is not a part, sort of disposable, of the human being. We are body. This reality is expressed literary in the *Diary of a Body*, by the French writer Daniel Pennac. For being a literary work in no way agreeing with a Christian view (on the contrary), it can contribute to an impartial approach from previous conclusions. Considering this perspective, it is important to understand how, and why, bodily experience is essential for our self-understanding.

**KEYWORDS:** Theological Anthropology. Human Body. Literature. Daniel Pennac.

\* Pós-doutor em Filosofia e História da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).  
E-mail: <perissepalestras@uol.com.br>.



## INTRODUÇÃO

A cuidadosa e insistente observação do próprio corpo é o tema de *Diário de um corpo* (a partir de agora, *DC*), do escritor francês Daniel Pennac, publicado em 2012. Em princípio, não se trata de narrativa autobiográfica, mas tal informação não é relevante, de fato. Sabemos que todo personagem ficcional algo (ou muito) tem do seu criador. O mais importante, para este estudo, é perceber como esta anatomia literária do corpo humano pode ser útil para uma reflexão no âmbito da antropologia teológica.

O tom do livro é detalhista. Não há exatamente um enredo. O dia a dia corporal orienta o texto. Nós, leitores, poderemos nos reconhecer nos movimentos, gestos, nas sensações do protagonista/narrador. A vida corpórea encontra-se no centro de tudo: suas reações e descobertas, surpresas e rotinas, dor e prazer, beleza e escatologia. Trata-se de um diário íntimo, mas não no sentido convencional, de “confissões do eu”.

O corpo é o de um homem que viverá até os 87 anos de idade e registra no seu diário a memória e a consciência de ter/ser um corpo. Os registros partem da infância e chegam aos últimos momentos de vida. Como gênero literário, o diário apoia-se na continuidade e irreversibilidade do tempo. O corpo mudará ao longo das décadas, mas continuará sendo o corpo do mesmo personagem. Daí a experiência de intimidade e estranheza. Nós nos reconhecemos nessa experiência, e daí poderemos recolher do *Diário* trechos que ajudem a pensar o corpo que cada um é.

O *Diário* não reduz o corpo a um tema abstrato. As descrições de Pennac, com seu refinado estilo, revelam com realismo o *estado de espírito* do corpo nas diferentes e sempre concretas situações vitais. A biografia do corpo é a biografia do personagem.

Neste trabalho, pretendo verificar em que medida a aguda autopercepção do corpo tematizada por Pennac coincide, ou não, com alguns conceitos fundamentais a respeito da corporeidade. O fato de o personagem possuir um perfil e uma visão materialistas é favorável a esta leitura. A ausência de uma crença religiosa e o fundamental apego à materialidade corporal dão à sua autoanálise fisiológica uma espécie de objetividade sem outra intenção a não ser a própria autoanálise.

A crueza e indiscrição com que o narrador vai reunindo apontamentos sobre o seu próprio corpo sugere uma autópsia *in vivo*, em que, neste caso, “autópsia” revela o sentido etimológico, e inquietante, de exame atento de si mesmo.

## A DISTÂNCIA TÃO PRÓXIMA

Na penúltima página do *Diário*, o narrador, faltando um mês para a sua morte, escreve:

*86 anos, 11 meses e 1 dia*

*Sábado, 11 de setembro de 2010*

Ao fazer comentários para Lison neste diário, salta-me aos olhos o quanto eu deixei de registrar aqui. Querendo dizer tudo, disse tão pouco! Mal cheguei a roçar este corpo que eu queria descrever. (*DC*, p. 327)

A escolha do verbo “roçar” (*effleurer*) mostra que o corpo, tão próximo, tão evidente, por mais que seja tocado, constitui um “objeto” de difícil alcance. Este é um paradoxo fundamental. O *Diário* registra uma busca impossível. Bem ao gosto francês, teríamos uma pesquisa à *la recherche du corps perdu*.

No entanto, o corpo ocupa e se move num espaço de comprimento e largura determinados. E ele próprio tem largura, comprimento, altura e profundidade. Podemos

vê-lo e apreendê-lo, em virtude de sua materialidade e opacidade. O problemático é que o corpo não se esgota em suas atribuições cóisicas. Podemos descrevê-lo minuciosamente, medi-lo, pesá-lo, movê-lo com maior ou menor agilidade, mas ele parece trazer em si um “algo mais”.

Voltemos ao começo do livro, quando o narrador, pré-adolescente, decide escrever seu peculiar diário:

*13 anos, 1 mês e 8 dias*

*Quarta-feira, 18 de novembro de 1936*

Quero escrever o diário do meu corpo também porque todo mundo fala de outras coisas. *Todos os corpos estão abandonados em armários com espelhos.* Aqueles que escrevem um diário simples, como Luc ou Françoise, por exemplo, falam de tudo e de nada ao mesmo tempo, emoções, sentimentos, histórias de amizade, amor, traição, justificativas até não acabar mais, o que eles pensam dos outros, o que eles acham que os outros pensam deles, as viagens que fizeram, os livros que leram, mas nunca falam de seus corpos. (DC, p. 28)

O texto remete a um primeiro motivo para a confecção do diário. Dois meses antes de dar-lhe início, o rapaz havia passado por uma situação de muito medo. Numa atividade de acampamento com os escoteiros, foi amarrado a uma árvore e ali ficou, sozinho. À medida que o tempo passava, os receios se transformaram em medo da morte. Imaginou que seria devorado por algum animal, ou mesmo pelas formigas que começavam a subir por suas pernas. O medo cresceu e se tornou pavor, desencadeando humilhante descontrole fisiológico: urina, diarreia, lágrimas – “estou coberto de lágrimas, de baba, de muco, de resina e de merda” (DC, p. 18).

O menino então decide fazer desse diário uma forma de “proteger meu corpo dos assaltos da imaginação, e minha imaginação das manifestações intempestivas de meu corpo” (DC, p. 19). Uma decisão de certo modo ascética, em sentido mais platônico do que cristão: não viver mais “sob o império das imagens” (DC, p. 39), diferenciar “o corpo do espírito” (DC, p. 19), em que o espírito (*esprit*) significa neste caso a clareza de ideias, a coerência, o autocontrole, a liberdade (significa, portanto, o que os latinos designavam com a palavra *mens*), e o corpo traz em si tudo o que é instinto, impulso, pulsão, irracionalidade.

O projeto do jovem não se realizará exatamente como ele queria. É o que veremos adiante. O espírito não conseguirá “manipular” o corpo, nem criar a completa distância. O sujeito continuará próximo ao corpo, ou com ele identificado.

O narrador do *Diário* se olha no espelho:

*13 anos, 1 mês e 2 dias*

*Quarta-feira, 12 de novembro de 1936*

Foi como se eu tivesse me visto pela primeira vez. Fiquei bastante tempo na frente do espelho. Não era bem eu quem estava ali. Era o meu corpo, mas não era eu. Não era nem mesmo um colega. Eu repetia: Você sou eu? Eu sou você? Você sou eu? Somos nós? Não estou louco. Sei muito bem que estava brincando com a *sensação* de que não era eu, mas sim um garoto qualquer abandonado no fundo do espelho. (DC, p. 26)

A realidade corporal lhe parece estranha. O personagem esforça-se pelo autodeciframento pessoal. Como sujeito interrogante, luta para fazer valer a razão (“não estou louco”). Quem é quem, afinal, diante do espelho? Não há amizade nem coleguismo com aquele corpo. A pergunta “somos nós?”, contudo, aponta para a unicidade da pessoa humana:

Na teologia e no pensamento moderno, insiste-se no fato de que o homem não “tem” uma alma e um corpo, mas “é” alma e corpo. E, na medida em que ambos são corpo e alma do homem, ele é uno; essa unidade deveria ser o aspecto principal. Somente a partir dela é possível a distinção desses dois aspectos ou dimensões, “momentos”, nunca partes, de seu ser<sup>1</sup>.

## O MISTÉRIO DO CORPO

O corpo humano, em última instância, é inapreensível. Só podemos manipulá-lo, moldá-lo e controlá-lo superficialmente. De alguma forma ele sempre escapa de nosso poder e de nossas previsões. Parece ser, à primeira vista, uma “coisa” mensurável, algo evidente e que me é disponível: “meu corpo”. No entanto, o pronome possessivo é enganador. O corpo não é e não se comporta como um objeto qualquer.

O pai do personagem lhe dissera o seguinte:

*13 anos, 1 mês e 4 dias*

*Sábado, 14 de novembro de 1936*

Papai dizia: todo objeto é *antes de tudo* um objeto de interesse. Portanto, meu corpo é um objeto de interesse. Vou escrever o diário do meu corpo. (DC, p. 27)

E o interesse pelo corpo vai descortinando uma realidade surpreendente:

*16 anos*

*Terça-feira, 10 de outubro de 1939*

Cabelos oleosos. Caspa (bastante visível quando uso paletó escuro). Duas espinhas vermelhas no rosto (uma na testa e outra na face direita). Três cravos no nariz. Mamilos inchados, principalmente o da direita, e doloridos quando aperto. Uma dor aguda, como se enfiasse uma agulha. E nas meninas, o que acontece? Ganhei dez quilos e cresci doze centímetros em um ano. (E aumentou o meu alcance no boxe, Manès tinha razão.) Os joelhos doem, mesmo durante a noite. Dores do crescimento. Violette dizia que, depois que isso acabar, eu começarei a encolher. Minha imagem no grande espelho do vestiário. *Não me reconheço nela!* Ou, mais exatamente, tenho a sensação de que eu cresci ali sem mim. Meu corpo, assim, virou um objeto de curiosidade. Que surpresa terei amanhã? Nunca sabemos em que o corpo vai nos surpreender. (DC, p. 68-69)

Não se trata apenas de uma evolução hormonal que pudesse ser inspecionada “cl clinicamente”. A sensação que o narrador detecta é a de que o corpo é e não é seu. Ele, a pessoa, cresce (porque seu corpo cresce e se transforma rapidamente), mas ao mesmo tempo o corpo cresce “sem mim” (*sans moi*). Há uma experiência de identificação e de estranheza, de unidade (eu sou corpo) e de dissociação (meu pensamento diante do corpo).

A busca do reflexo é esforço de reflexão. Ao olhar-se no espelho, o personagem deseja o autoconhecimento, a autópsia em sentido etimológico. Mas o fato é que não se reconhece na imagem espelhada. O pretense objeto-corpo escapa ao seu pensamento, ou à ideia que tem de si mesmo, no esforço que ele faz de distinguir corpo e espírito. Existe um “eu” (*je*) que cresce (eu sou o meu corpo), e um “mim” (*moi*) que pensa e transcende a realidade que o espelho apresenta.

Em outras palavras, *ver* o corpo não é *ter* o corpo, tampouco *entender* o corpo em sua realidade total. O corpo humano é tão inapreensível quanto o próprio sujeito do qual é a expressão. O corpo é tão surpreendente quanto a própria realidade da pessoa humana.

<sup>1</sup> LADARIA, L. *Introdução à antropologia teológica*, p. 69.



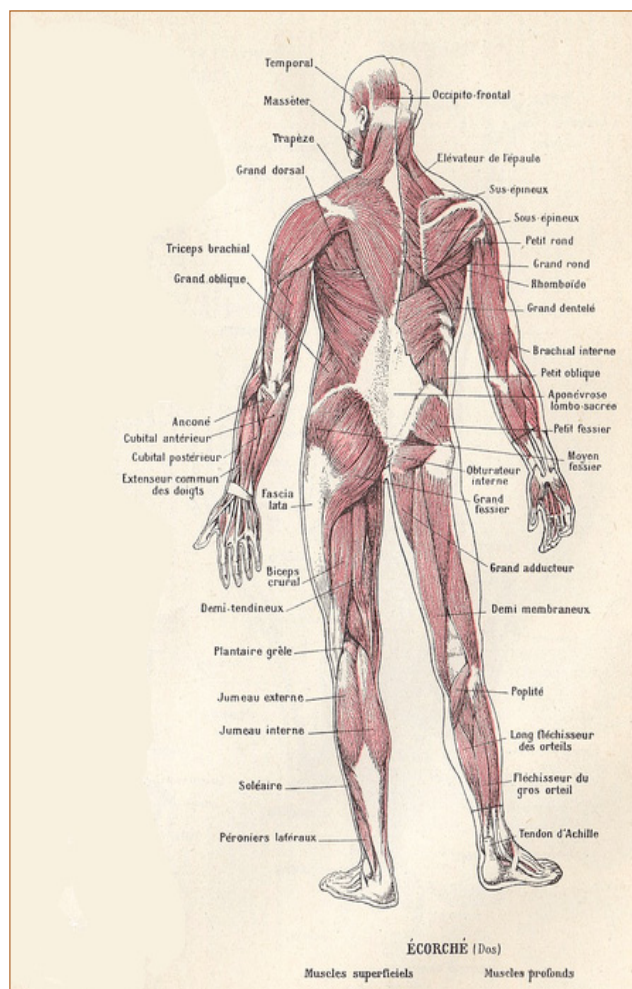
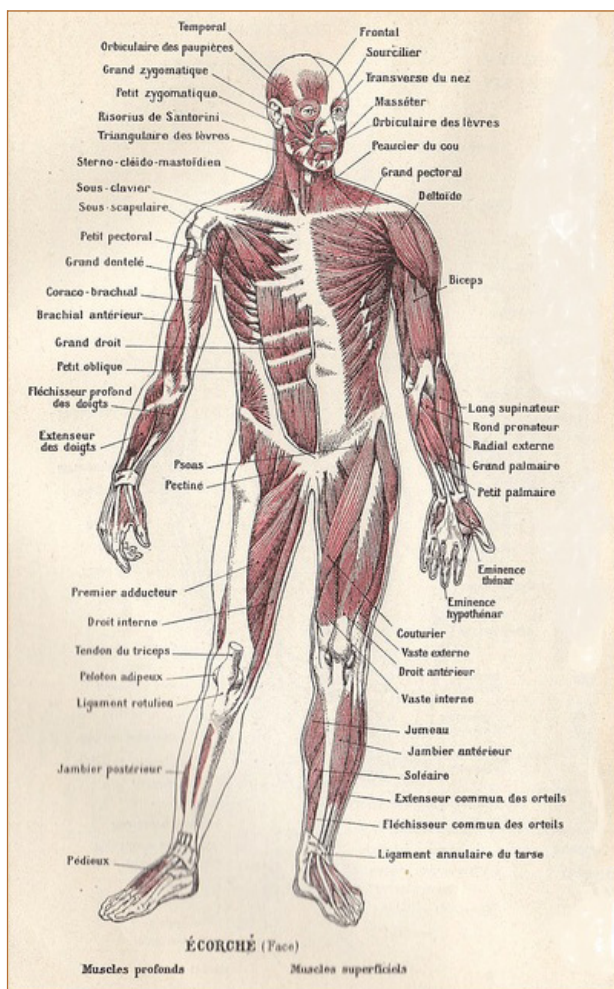
E por que surpreendente? Por que existe nele, enquanto corpo humano, o inabarcável e o inexplicável, o que não se esgota num conjunto de informações empíricas.

Quando alguém pergunta ao protagonista, ainda jovem, se ele gostaria de ser médico, sua resposta é negativa. O seu interesse pelo corpo não é de ordem científica ou terapêutica. O dono do *Diário* esclarece:

17 anos, 2 meses e 17 dias      Sexta-feira, 27 de dezembro de 1940

[...] Mas, então, por que você se interessa?, perguntou o meu bom tio. Pela observação do meu próprio corpo, pois ele me é intimamente estranho. (Coisa que eu não disse a ele, é claro.) Por mais aprofundado que fosse, o estudo da medicina não eliminaria em nada esse sentimento de estranheza. (DC, p. 81)

O mistério distingue-se do problema (Gabriel Marcel), e o narrador do *Diário* intui essa diferença. Na lateral do espelho do armário, ele prendeu a figura do “esfolado do Larousse”, página que retirou do Dicionário ilustrado:<sup>2</sup>



<sup>2</sup> É a esta gravura que o personagem se refere, retirada do *Larousse Universel*, em: <<https://www.flickr.com/photos/23416307@N04/3773553906/in/photostream/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

Visto como problema, como algo fora de nós, como objeto diante dos olhos, o corpo humano pode ser analisado à exaustão, mas essa análise esgota-se na classificação anatômica ou num eventual diagnóstico médico. O rapaz se observa e observa a figura:

*19 anos, 2 meses e 21 dias*

*Quinta-feira, 31 de dezembro de 1942*

[...] Sem dúvida alguma, a mistura de flexões, abdominais, exercícios físicos de todo tipo fez de mim um rapaz que se parece com alguma coisa. No caso, com o esfolado do Larousse, novamente preso ali, na lateral do espelho. Feita a comparação, todos os meus músculos estão no devido lugar, perfeitamente visíveis, peitorais, bíceps, deltoides, abdominais, radiais, os das pernas, e, quando me viro, os flexores, os gêmeos, os glúteos, os dorsais, braquiais, trapézios, nenhum deles deixa de responder quando os ativo, a figura do esfolado é o meu retrato por escrito, uma verdadeira conquista, posso passar a vida inteira diante do espelho. Eu, que não parecia “realmente nada”, agora, veja só, me pareço com o dicionário! (*DC*, p. 88)

Para além da comparação, mantém-se o sentimento de estranheza. Olhar-se no espelho, para o protagonista, não resolve o problema. No fundo, a premonição do mistério se impõe:

*27 anos, 7 meses e 9 dias*

*Sábado, 19 de maio de 1951*

[...] Sempre limitei os espelhos às suas funções básicas. Função de inventário, quando eu, adolescente, avaliava o crescimento dos meus músculos; função indumentária, quando é preciso combinar gravata, paletó e camisa; função de vigilância, quando faço a barba de manhã. Mas a visão de conjunto não me atrai. Eu não entro no espelho. (Medo de depois não conseguir sair?) [...] Os diversos elementos do meu corpo me constituem, mas sem me caracterizar. Em resumo, nunca *me* olhei realmente no espelho. Isso não é nenhuma virtude; é mais uma distância, essa distância irreduzível que este diário procura preencher. Alguma coisa em minha imagem continua estranha para mim. A tal ponto que às vezes me assusto quando deparo com ele inesperadamente na vitrine de uma loja. Quem é esta pessoa? Não é nada, fique calmo, é apenas você mesmo. Desde a infância eu demoro para me reconhecer, e esse tempo nunca diminuiu. (*DC*, p. 130-131)

Muito sugestivo esse último trecho. A exterioridade do corpo é replicada pelo espelho, mas aquele que se olha não se sente caracterizado pelo que vê. E isso porque ele “não entra” no espelho. A experiência do espelho não é suficientemente profunda e reveladora para que possamos “ver” o mistério do corpo.

De fato, há algo “dentro” do corpo, que não se encontra no cadáver, ou na ilustração da enciclopédia, ou na tomografia computadorizada. Não se trata, evidentemente, de um “dentro espacial”, mas, forçando o trocadilho, de um “dentro *especial*”. Na verdade, deter-se sobre o corpo-objeto e conceber, por exemplo, a pessoa doente como um “objeto” a ser consertado (visão reducionista numa certa prática médica), é esquecer a pessoa humana como ser relacional e simbólico, algo que cabe à antropologia filosófica e teológica enfatizar.

Por isso chama a atenção que Pennac faça o seu protagonista formular a pergunta precisa e a resposta adequada: “Quem é esta pessoa? Não é nada, fique calmo, é apenas você mesmo”. A realidade última do corpo encontra-se para além da imagem mecanicista do corpo (ou, na esfera comunicacional, da sua imagem digitalizada). Trata-se de uma realidade inacessível ao olhar, enquanto o próprio olhar quiser tão somente investigar

problemas, ou seja, enquanto for o olhar daquele “que vai agir para resolver o problema [e] permanece fora ou aquém dos dados que precisa tratar e manipular a fim de trazer à luz a solução procurada”<sup>3</sup>. A pergunta pelo “quem” da pessoa pertence a outro tipo de abordagem. A resposta aparentemente banal – “é apenas você mesmo” –, que o personagem dá a si próprio com certa ironia, corresponde já a um realismo que podemos chamar *metafísico*. Se, encarando o problema para resolvê-lo, eu continuo fora dele, ao “entrar no espelho” (algo que, compreensivelmente, causa medo ao protagonista do *Diário*), o problema se converte em mistério:

[...] o mistério é algo com que estou envolvido, e, acrescentaria, não envolvido parcialmente, por algum aspecto determinado e restrito, mas inteiramente envolvido, realizando com ele uma unidade que, por definição, não pode apreender-se a si própria e só poderia ser objeto de criação e de fé. O mistério elimina essa fronteira entre o *em mim* e o *diante de mim* [...] <sup>4</sup>.

## O CORPO QUE RI

No *Diário de um corpo*, surgem momentos em que o protagonista experimenta a estranheza, sentimento que tem afinidade com a admiração filosófica. O *mirandum* (o que é digno de admiração) suscita abertura para o mistério. O corpo é uma realidade admirável, não apenas por sua “engenharia natural”, mas sobretudo por sua dimensão misteriosa. Em lugar de simplesmente ver o corpo diante de nós como um quase-objeto, a consciência da sua condição inapreensível desperta a vontade de contemplá-lo, estética, filosófica e teologicamente. Contemplação é envolvimento que permite descobrir uma imagem para além dos espelhos.

A certa altura do *Diário*, o protagonista fala de um enterro, no qual a amiga que ele não via há algum tempo a ele se dirige:

35 anos, 1 mês e 24 dias

Quinta-feira, 4 de dezembro de 1958

Ainda no enterro de Manès, Fanche me disse: Você [...] poderia se fantasiar de Apache, Pigmeu, Chinês ou Marciano, não tem jeito, que eu o reconheceria pelo sorriso. E penso, então, nessas emanações do corpo que são a silhueta, o andar, a voz, o sorriso, a letra, o gestual, a mímica, únicos traços deixados em nossas memórias por aqueles para quem realmente olhamos. Sobre o irmão dela, que morreu pulverizado em um avião de caça, Fanche diz: Os lábios e a boca podem ter sido desmembrados, mas o sorriso não, era impossível. (*DC*, p. 150)

Quando “realmente olhamos” para alguém, ou para nós mesmos, podemos dizer que se trata de um olhar contemplativo, aberto para a surpresa do mistério. Este olhar contemplativo percebe que cada pessoa é um “eu” dotado de consciência e liberdade, um núcleo indestrutível do qual emana (no corpo e pelo corpo) uma presença reconhecível. Foi o que ocorreu, de modo emblemático, em dois registros evangélicos: no episódio em que os discípulos de Emaús só reconheceram a Jesus ressuscitado quando ele partiu e distribuiu o pão (cf. Lc 24,13-35), e no encontro entre Jesus e Maria Madalena, quando esta reconhece o tom de voz inconfundível com que seu nome foi pronunciado (cf. Jo 20,11-16).

<sup>3</sup> MARCEL, G. *Les hommes contre l'humain*, p. 68.

<sup>4</sup> MARCEL, G. *Les hommes contre l'humain*, p. 69.



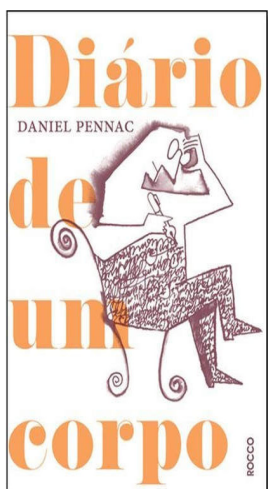
O que numa pessoa é indestrutível entranha-se, de algum modo, no corpo que o expressou. É o que relata um escritor e médico escocês a respeito da anatomia facial. Sabendo olhar de modo contemplativo, aberto ao mistério do corpo, é possível perceber, mesmo nos cadáveres, vestígios duráveis de uma realidade pessoal:

Havia diferenças entre os cadáveres. Embora a morte tivesse relaxado suas expressões, o desenvolvimento de seus músculos faciais sugeria algo da atitude de cada indivíduo quando vivo. Os músculos com a maior variação eram o *zigomático maior* e o *menor*, cuja função é estender os cantos de nossa boca para um sorriso. Algumas vezes eles eram grossos e bem definidos, sugerindo uma vida cheia de riso. Outras vezes, o zigomático estava atrofiado em pequenas cordas murchas, sugerindo anos de sofrimento. [...] Outros músculos podiam dar pistas sobre a atitude de cada pessoa quando viva: um *corrugador do supercílio* incomumente bem desenvolvido fazia pensar numa testa perenemente irritada, franzida – de onde veio a palavra *supercilioso*. O *levantador do lábio superior e da asa do nariz* – nome extraordinariamente longo para um pequenino músculo – faz exatamente o que diz: levanta o lábio superior e a asa do nariz num rosnado<sup>5</sup>.

Em outra parte do *Diário*, é a vez do narrador, já octogenário, identificar a amiga Fanche, ao perceber que era ela quem estava ali adiante. Mesmo envelhecida, ela continuava sendo “uma cópia de si mesma” (*DC*, p. 308). Quarenta e oito anos depois de a ter visto pela última vez, apesar das inegáveis mudanças físicas, o protagonista reconhece-a “totalmente parecida consigo mesma” (*DC*, p. 309), em razão da silhueta.<sup>6</sup>

É certo que tais vestígios e sombras podem ser interpretados, pela ótica materialista, como meros resíduos de uma realidade física, biológica, ou como insistentes conteúdos de memória, e nada mais do que isso. Contudo, à luz daquela criatividade e daquela fé de que fala Gabriel Marcel, e na medida em que nos envolvemos com a realidade total da pessoa humana, a própria sombra pode ganhar novo sentido. Esta sombra, vista sobre o fundo luminoso da revelação cristã, ganha contornos definidos que prometem continuidade e transfiguração para além da morte.

## A ACEITAÇÃO DO CORPO



No *Diário*, já com 70 anos de idade, o narrador escreve um único pensamento, em certo domingo, com ironia e desalento: “Senhoras e senhores, nós morremos porque temos um corpo, e toda vez é uma cultura o que se extingue” (*DC*, p. 255).

Nada se escreve impunemente. E nenhuma palavra deve ser desconsiderada num texto literário, sobretudo quando o escritor sabe o que faz, como é o caso de Daniel Pennac. Ao associar “um corpo” a “uma cultura”, o protagonista, com seus 70 anos de idade, está olhando o seu próprio corpo. Nele vê uma história corporificada, como, aliás, a ilustração da capa da edição brasileira expressou muito bem.<sup>7</sup>

A metáfora visual da capa sugere que nosso corpo (e nosso corpo não é só um corpo-objeto, conforme vimos) poderia ser interpretado como um texto autobiográfico, como um corpo vivido. O que vivemos fica de algum modo marcado em nós. O que vivemos e experimentamos, as decisões que tomamos, os

<sup>5</sup> FRANCIS, G. *Da cabeça aos pés: histórias do corpo humano*, p. 64-65.

<sup>6</sup> A palavra “silhueta” provém de uma expressão francesa, *profil à la silhouette*. Este perfil delimitado contra um fundo mais claro não oferece muitos detalhes, mas está perfeitamente delineado. É uma sombra enigmática cuja identidade, porém, é reconhecível. O Santo Sudário, para muitos, mediante a crença ou em razão da ciência, é a silhueta de Jesus.

<sup>7</sup> O ilustrador é Bruno Liberati.



valores que assumimos, nossos pensamentos e sonhos, nossas ações e omissões, o que dissemos ou silenciámos, tudo isso compõe a nossa biografia, não escrita em papel, necessariamente, mas certamente *inscrita* em nós.

Em outros termos, nós somos uma “cultura” subjetiva-individual, que é simultaneamente *cultura corporis* e *cultura animae*. Viver é cultivar (explorar, descobrir, desenvolver) nossas próprias possibilidades como pessoas, cultivar-se: *cultura personae*. Esse processo de crescimento esbarra, sem dúvida, no enfraquecimento do corpo. O *Diário* anota, até com certa obsessão, os problemas de saúde que o protagonista enfrentou no correr da vida, e o período final do “contrato”:

86 anos, 2 meses e 28 dias

Quinta-feira, 7 de janeiro de 2010

[...] Meu corpo e eu estamos vivendo a fase final do nosso contrato de locação como inquilinos indiferentes a tudo. Ninguém mais faz a faxina, e tudo bem. No entanto, os resultados dos meus últimos exames indicam que chegou a hora de retomar por uma última vez estes escritos. Quem escreveu o diário do próprio corpo durante a vida inteira não rechaça a agonia. (DC, p. 312)

O contrato de locação, durante décadas, fez dos dois (o “meu corpo” e o “eu”) coinquilinos (no original francês está a palavra *colocataires*). Os dois se tornaram amigos, morando no mesmo apartamento alugado. Esse apartamento é o mundo, é o espaço-tempo. Corpo e sujeito finalmente se identificam e se unem na autoconsciência do personagem? Parece que sim. Aquela estranheza com relação ao corpo transformou-se em aceitação de si mesmo.

A agonia que ele antecipa será vivida por ele de modo integral. É o seu desejo. Por isso, retoma o diário como um gesto de coerência, para registrar até o fim o percurso do corpo, sua autobiografia. O seu corpo está intimamente unido ao eu, ao se aproximar o desfecho. O corpo, mais do que seu, é ele próprio. Terá o mesmo destino do eu porque é eu. Esta é a única forma de viver, sem mistificações, como escrevera o protagonista vinte anos antes:

62 anos, 9 meses e 23 dias

Sábado, 2 de agosto de 1986

Ao falar – com muita frequência – sobre a angústia neste diário, não falo da alma, tampouco faço psicologia, mantenho-me mais do que nunca no registro do corpo, esse maldito novelo de nervos. (DC, p. 227)

O adjetivo “maldito” mostra, no limite, a inevitabilidade do corpo como realidade. Estar vivo é viver corporalmente, ponto final. O corpo é um “novelo de nervos” (ou um “caniço pensante”, para lembrar a referência pascaliana) que experimenta e expressa a angústia (e agora é a angústia kierkegaardiana que vem à mente). Formular esta angústia (não apenas uma dor física ou um estado de enfermidade que alguém sofre passivamente) revela a consciência dos limites e o secreto desejo de ser si mesmo.

Aos 62 anos de idade, o personagem conclui que sua autocompreensão e autodeciframento depende da aceitação de sua condição corporal como sua própria condição de pessoa. O corpo não apenas como “coisa” física e biológica, como “palco” do prazer ou como “lugar” da dor, mas como presença ativa, empenhada em cultivar relações, educar os filhos, articular ideias, defender princípios, escrever um diário... Ou seja, *ele é o seu corpo*, ainda que permaneça uma diferença nessa identidade<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> VAZ, H.C. L. *Antropologia filosófica* – volume I, p. 181-187.

E então, chegará a hora da própria morte. No último registro do seu diário, o protagonista encontra a pacificação e lança um olhar para além de si mesmo. Quando criança, cultivava uma amizade imaginária. O amigo inventado e só para ele visível chamava-se Dodo. Esse amigo havia desaparecido, mas retorna agora como se o tempo não tivesse passado. Assim como o personagem, na infância, ensinara a Dodo alguns truques infantis, poderá lhe ensinar com gentileza (e, assim, aprender) como se faz para transcender:

87 anos, e 19 dias

Sexta-feira, 29 de outubro de 2010

Chegou a hora de morrer, meu pequeno Dodo. Não tenha medo. Eu lhe mostro como se faz. (DC, p. 328)

## CONCLUSÃO

Sempre corremos o risco de tentar obrigar o texto literário a dizer aquilo que desejamos que ele diga. Os trechos selecionados supõem centenas de outros rejeitados. Citações são sempre opções de leitura e interpretação.

Não penso, porém, que este trabalho tenha forçado o personagem de Daniel Pennac a corroborar, involuntariamente, as teses de uma antropologia teológica. O fato de esse personagem não ostentar sequer um verniz de cristianismo, de possuir um autêntico “espírito laico” (DC, p. 166), de ser, enfim, formado por uma escola pública francesa indiferente às questões religiosas, torna suas observações a respeito do corpo extremamente confiáveis.

De fato, essas anotações ficcionais sobre o próprio corpo oferecem, paradoxalmente, uma base de realismo necessária para que a teologia não se torne um “ramo da literatura fantástica”, parafraseando o escritor Jorge Luis Borges.<sup>9</sup>

## REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis. *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*. In: *Ficcões*. 10ª reimpr. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- FRANCIS, Gavin. *Da cabeça aos pés: histórias do corpo humano*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- LADARIA, Luis. *Introdução à antropologia teológica*. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*. Paris: La Colombe, 1951.
- PENNAC, Daniel. *Diário de um corpo*. Tradução Bernardo Ajzenberg. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- PENNAC, Daniel. *Journal d'un corps*. Paris: Gallimard, 2012.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2014. Vol. I.

Recebido em: 20/10/2016

Aprovado em: 30/11/2016

### Correspondência para:

Gabriel Perissé

Rua Dr. Tauphick Saadi, 188, ap. 301

CEP 90470-040 Porto Alegre, RS, Brasil

<sup>9</sup> No seu conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, p. 22.